

AMIGOS IMAGINÁRIOS DO PONTO DE VISTA PSICANALÍTICO

Amanda da Silva Fernandes, Carolina Ferreira Pires, Marcel Henrique Bertonzzin, e-mail: carolla.pires@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Na infância, é comum a manifestação de amigos imaginários envolvendo personagens (como pessoas, animais ou criaturas) com identidades que permanecem estáveis ao longo de meses ou até mesmo anos (VELLUDO; SOUZA, 2018). Esses amigos imaginários são esperados na vida mental das crianças (TAYLOR, 1999 *apud* VELLUDO; SOUZA, 2018), e mesmo não sendo um fenômeno comum, eles se classificam como um hábito saudável para as crianças (HARRIS, 2000; TAYLOR, 1999; TAYLOR; MOTTWEILER, 2008 *apud* VELLUDO; SOUZA, 2018). A partir disso, se tornou interessante uma pesquisa sobre o ponto de vista da teoria psicanalítica sobre o fenômeno dos amigos imaginários.

2 MÉTODO

O presente artigo se resume como uma pesquisa qualitativa, em um nível descritiva. A pesquisa qualitativa se refere, segundo Godoy (1995), como uma pesquisa para se entender melhor um fenômeno a partir do contexto em que ele ocorre e de qual ele faz parte, capturando este fenômeno sob a perspectiva dos indivíduos nele envolvidos, sendo que vários dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. Gerhardt e Silveira (2009) trazem a definição de uma pesquisa descritiva, referenciando Triviños (1987), sendo esta um tipo de pesquisa em que o pesquisador investiga uma série de informações sobre o que deseja saber, descrevendo os fatos e fenômenos.

Sousa, Oliveira e Alves (2021), citando Andrade (2010) diz que a pesquisa bibliográfica é um recurso importante dentro de uma graduação, possui obrigatoriedade em pesquisas exploratórias, e no desenvolvimento de uma pesquisa ou trabalho, a pesquisa bibliográfica é o que dá início a uma atividade acadêmica, como seminários, painéis, debates, resumos clínicos e entre outros. Além disso, esta modalidade se baseia no estudo

de teorias já publicadas, com reflexões acerca do conteúdo lido (SOUSA; OLIVEIRA; ALVES, 2021). A partir disso, o presente trabalho também se classifica como uma Pesquisa Bibliográfica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando se pensa na definição de amigo imaginário, tradicionalmente falando, seria um personagem invisível, que possui nome, que é mencionado em conversas, e com o qual a criança interage por, pelo menos, alguns meses (MARION *et al.*, 2018). Segundo Marion *et al.* (2018), para que este personagem seja considerado um amigo imaginário, ele precisa ter um senso de realidade para a criança mas não necessariamente uma base objetiva (como um boneco, um animal de pelúcia). Sobre isso, é importante dizer que as crianças criadoras destes amigos imaginários sabem que estes são apenas um fruto de sua imaginação, não apresentando confusão entre realidade e fantasia (TAYLOR; SHAWBER; MANNERING, 2009 *apud* VELLUDO; SOUZA, 2018). Majors (2009) traz a definição de amigo imaginário de Taylor *et al.* (2001), sendo este “[...] um personagem de imaginação vivida (pessoa, animal) com quem a criança interage durante suas brincadeiras e atividades diárias, podendo ser totalmente invisível ou, as vezes, tomando a forma de um animal de pelúcia ou boneca.”

Citando Hoff (2005) e Taylor (1999), Velludo e Souza (2018) dizem que, além destes amigos imaginários possuírem a função de divertimento para as crianças, em suas brincadeiras, uma função importante, também atribuída à estas criações é a de companhia e apoio emocional, sendo que estes podem ajudar no enfrentamento de problemas emocionais e/ou medos (TAYLOR, 1999 *apud* VELLUDO; SOUZA, 2018), além de promover resiliência (TAYLOR; HULETTE; DISHION, 2010 *apud* VELLUDO; SOUZA, 2018). A criação de amigos imaginários pode ser, erroneamente, entendido como um sinal de alguma perturbação psíquica, solidão ou tristeza sentida pela criança, pois há crianças que possuem amigos imaginários mas que também possuem amigos reais (MARION *et al.*, 2018). É justo citar uma pesquisa feita por Hoff (2005), trazida por Marion *et al.* (2018), em que foi encontrado que crianças que possuem amigos imaginários, quando comparadas

com aquelas que não possuem, se descrevem como tendo poucos amigos e com um bem-estar psicológico inferior; mas estes resultados não são indicativos de patologia. Tais autores também mostram que crianças que possuem amigos imaginários apresentam níveis maiores de ansiedade, mas que, também, não é um indicativo de patologia.

Agora, quando pensamos nos motivos da criação desses amigos imaginários, Majors (2009), citando outros autores, aponta para alguns destes motivos: para satisfazer os quesitos de amizade e sociabilidade (GLEASON, 2002); para o desenvolvimento do ego, conforto e resoluções de conflitos, ajudando, também, na prevenção do desenvolvimento de problemas mentais clínicos (NAGERA, 1969); para uso de bode expiatório em maus comportamentos, funcionando como um alívio para o sentimento de culpa sobre tais (BENDER; VOGEL, 1941); para uma compensação de uma realidade inadequada, como forma de completar suas experiências de vida incompletas (BENDER; VOGEL, 1941); para funcionar como uma imagem de ego idealizado, projetando, em si, quem a criança gostaria de ser ou com quem ela se identifica (BENDER; VOGEL, 1941); para a criação de uma personalidade mais integrada para lidar com os conflitos de sua própria vida (BENDER; VOGEL, 1941); para ajudar a criança a superar sentimentos de solidão e ansiedade (ESPLEN; GARFINKEL, 1998). Além disso, os amigos imaginários também podem ajudar no desenvolvimento de confiança (MAJORS, 2013; TAYLOR, 1999 *apud* MARION *et al.*, 2018).

Há também o ponto de vista, sobre os amigos imaginários, quando se tratando de como eles são criadas, podendo ser, segundo Marion *et al.* (2018), uma dica de como a criança vivencia o ambiente em que está inserida (TAYLOR, 1999). “[...] eles podem atuar como facilitadores da comunicação, pois é mais fácil para a criança falar de assuntos delicados e de seus sentimentos por meio do amigo imaginário” (TAYLOR, 1999 *apud* MARION *et al.*, 2018), até porque, ele é considerado de confiança e compreensivo (MAJORS, 2013; TAYLOR, 1999 *apud* MARION *et al.*, 2018).

3.1 Ponto de vista analítico

Procurando sobre o tema dos amigos imaginários na literatura psicanalítica, encontramos, primariamente, Winnicott (1975) e os objetos transicionais; além de Marion, Londero, Pereira e Souza (2018) também citarem a teoria de Klein (1985) sobre a agressividade.

Abordando Winnicott (1975), o teórico apresenta a ideia dos objetos transicionais, sendo que este é criado quando o bebê chega no estado de saber que é uma unidade, que ele é separado de sua mãe, constituindo como uma defesa contra a ansiedade, especialmente a ansiedade do tipo depressiva. Este objeto pode ser um animal de pelúcia, ou um cobertor, sendo que, independentemente de sua forma, se torna importante para o bebê, possuindo um valor significativo. O objeto transicional não é um objeto interno, tampouco um objeto externo, mas sim um objeto estando na área intermediária entre a criatividade e a percepção objetiva da realidade, e o bebê, ao criar um objeto transicional, possui, em si, a diferença entre o que é fantasia e o que é fato, entre os objetos internos e os externos (WINNICOTT, 1975). A partir disso, podemos entender que o Objeto Transicional de Winnicott pode ser relacionado com os amigos imaginários, pois ambos são um intermediário entre o real e a fantasia, entre o mundo externo e interno da criança.

Klein (1985 *apud* MARION *et al.*, 2018) faz referência ao objeto transicional de Winnicott traz, sendo que, para a autora, o amigo imaginário possui uma função semelhante ao do objeto transicional, auxiliando a criança nas experimentações da agressividade e do amor, e nos manejos dos impulsos agressivos que podem ser direcionados aos pais ou à própria criança.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das informações apresentadas, o amigo imaginário se constitui como uma companhia saudável para a criança que ainda está em desenvolvimento, sendo que esta entre os mundos interno e externo da criança, tal como um objeto transicional. Foi visto que tal amigo imaginário funciona como um suporte para o enfrentamento de medos e no

desenvolvimento de confiança e comunicação, funcionando como um modelo a ser seguindo ou uma figura a se idealizar.

REFERÊNCIAS

GERHARDT, T. E. SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 120 p.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-23, mai./jun. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MAJORS, K. **Children's imaginary companions and the purposes they serve**: na interpretative phenomenological analysis. 2009. 209 p. Tese (Doutorado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade de Londres, Londres, fev. 2009. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/9658306.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MARION, J. *et al.* O amigo imaginário na visão de psicólogos e psiquiatras infantis. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 24, n. 3, p. 812-833, dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-11682018000300010&script=sci_abstract&lng=es. Acesso em: 10 ago. 2023.

SOUSA, A. S. da; OLIVEIRA, G. S. de; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, [S.l.], v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em: 15 set. 2023.

VELLUDO, N. B.; SOUZA, D. de H. Amigos imaginários: contribuições para o desenvolvimento infantil. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 34, p. 1-10, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/CWWwSYZsq6xfkGFKjxXDvCh/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 10 ago. 2023.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: IMAGO, 1975. 244 p.